

FOLKCOMUNICAÇÃO: UMA METODOLOGIA PARTICIPANTE E TRANSDISCIPLINAR

*Cristina Schmidt**

1 A relação pesquisador-objeto

Há cerca de dez anos venho acompanhando muito de perto a vida cotidiana do homem "caipira". Primeiro em Piracicaba, que foi meu objeto de estudo no mestrado. Estudei sua urbanização e sua descaracterização como homem do mato, homem da terra. Verifiquei onde esses sujeitos vivem, trabalham e têm lazer. Vi suas casas, suas roupas, sua religião. Acompanhei suas *premissas*, *procissões* e fé. Acompanhei a lida no campo, no industriário, na agroindústria e na indústria. Ouvei suas músicas, seus causos e suas histórias. Participei de suas refeições, festas e funerais. Me tornei cúmplice de suas aspirações e lutas. Me assumi caipira de causa e de raiz.

Foi convivendo nesse universo que eu percebi a reconversão do homem caipira, considerado Jeca, pobre e ignorante, de modos rústicos e subnutrido; em homem forte, empreendedor, estudado, rico e famoso. E, com ele, também foi reconvertido o universo que compõe o seu cotidiano, seu imaginário e sua visão de mundo. Alguns estudos mostram que tal postura acontece principalmente em momentos de crise, onde a "busca das raízes" torna-se uma forma de fortalecimento local. E o que eu tenho testemunhado é que esse fortalecimento não se dá apenas por uma questão de identificação cultural mas, sim, por um fortalecimento e desenvolvimento econômico local com vistas a um retorno efetivo para a comunidade.

* Doutora.

Luis Beltrão em seus estudos iniciais sobre a folkcomunicação – a partir de 1967 - vai acompanhar muitas manifestações dos homens do campo, mais precisamente dos homens que estão à margem dos centros de poder e decisão, o que ele chama de marginalizados. Beltrão vai se preocupar principalmente com os processos que esses homens criam e estabelecem para se comunicar, para transmitir seus valores, suas referências, seu conhecimento e seu sentimento. Ao estudar esses processos percebeu que os grupos marginalizados reelaboram a sociedade e suas relações apresentando uma visão própria a sua gente, diferente e às vezes questionadora da visão “dominante” e institucionalizada.

Mas, ao fazer um estudo de temática tão abrangente e rica, nos leva a pensar na necessidade de recorrermos a uma metodologia adequada ao estudo da folkcomunicação. Uma metodologia que se localiza no campo da comunicação e transita pelo arcabouço metodológico da área das ciências sociais aplicadas. Daí, inicia-se um processo de aprendizagem não somente epistemológico, mas principalmente da leitura do próprio cotidiano e das aptidões pessoais e profissionais do pesquisador.

Percebemos também que, ao respeitarmos as aptidões individuais e os apelos do objeto o desenvolvimento do projeto se dá de uma maneira mais rica e espontânea, e podemos contar com um ambiente mais criativo e envolvente a ponto de considerar a pesquisa como parte da vida dos pesquisadores, e o fazer ciência constitui-se em ir além de mecanismos metodológicos para ser meio de diálogo entre diferentes culturas e grupos sociais.

O respeito ao objeto investigado começa pelo respeito a nós mesmos, pesquisadores e técnicos, e o bom desempenho começa com a afinidade pessoal de interesses, de formação, de projeto de vida. O amadurecimento do pensar cientificamente começa com o amadurecimento do viver, e a postura profissional/científica se dá quando assumimos uma visão de mundo, preferencialmente uma visão que permita abarcar as relações macro e micro estruturais de cada grupo, e também possibilite identificar e analisar a dinâmica que resulta na construção de manifestações ora singulares ora universais.

Ecléa Bosi, na Introdução de seu livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos”, argumenta que na pesquisa somos ao mesmo tempo sujeito e objeto. “Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir (...)” (BOSI, 1979, p.2). Ainda na introdução, se referindo a Roman Jakobson quando ele define o que é um observador/pesquisador participante, ela diz:

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão 'observador participante' pode dar origem a interpretações apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida, muito semelhantes. (BOSI, 1979, p.2)

Por isso, os métodos e as técnicas adotadas devem condizer com essa postura de envolvimento e vivência. Os procedimentos metodológicos que levam a uma compreensão qualitativa do objeto permitem um trabalho mais condizente com essa postura.

Luis Beltrão inicia sua teoria da folkcomunicação a partir de sua primeira investigação em campo, usando como referência teórica a trilogia de Gilberto Freyre – Casa Grande e Senzala, Sobrados e Mocambos, Ordem e Progresso -, e como percurso metodológico as pesquisas de Alceu Maynard Araújo (Folclore Nacional - 1964) e Luis Saya (Escultura popular Brasileira – 1944). Segundo o professor José Marques de Melo (in Beltrão, 2001, p.12-13), esses estudos foram muito bem recebidos pelo meio acadêmico, pois identificavam no folclore, nas manifestações populares rurais e urbanas formas de comunicação não ortodoxas – como o rádio, a imprensa e a televisão – refutando a idéia dominante da “onipotência midiática”. Os meios de comunicação não se faziam completamente eficientes em seu papel de convencimento, pois entre os meios massivos e as comunidades verificou-se a presença do “líder de opinião”.

Através da observação participante Beltrão foi fundamentando suas investigações e esboçando a metodologia da folkcomunicação. Essa mesma observação foi mapeando seu percurso e delimitando suas técnicas de coleta de dados – levantamento histórico exaustivo através de bibliografia e documentos; entrevista informal e em profundidade com lideranças e participantes “mais velhos e experientes” das manifestações - e sua postura em campo. Bem como delimitando casos a serem estudados mediante o aprofundamento histórico e etnográfico que cada manifestação exigia.

2 O contexto de pesquisa

O processo da pesquisa das expressões folkcomunicaçãois, onde interagem elementos tradicionais e modernas, rurais e urbanas, popular e massivo, vai além de uma relação unilateral investigador-objeto, ele abrange uma relação com todo o contexto na sua totalidade: o pesquisador, o objeto, as instituições, as organizações, a localidade, a região, o país.

Canclini considera que analisar esse processo é o mesmo que pontuar os cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se mesclam. Ele considera que na América Latina as tradições ainda estão muito presentes, uma vez que a modernidade ainda não se instalou por completo e, ainda mais, as teorias da pós-modernidade desqualificam movimentos culturais que prometem utopias e favorecem o progresso. Essas mesclas, mudanças, encontros e reelaborações se dão em decorrência do que ele chama de “reconversão” econômica e simbólica “com que os migrantes camponeses adaptam seus saberes para viver na cidade, e seus artesanatos para interessar a consumidores urbanos; quando os trabalhadores reformulam seu processo de trabalho frente as novas tecnologias produtivas sem abandonar suas crenças antigas (...)”, e que não é exclusivo a esse setor da sociedade, da mesma forma acontece, por exemplo, com o trabalho industrial, a arte, os meios de comunicação e a literatura hegemônicos. (CANCLINI: 1995, p. 14)

A reconversão cultural ocorre quando as culturas se interagem e ocorre a transferência simbólica entre os vários modos culturais. Esse processo deve ser considerado, principalmente se levarmos em conta que para cada comunidade a reconversão ocorre de maneira diferente. Isso por que, a modernização se instala de maneira diferente de acordo com as necessidades da localidade, não é uma simples imposição. Inclusive, a compreensão mais precisa dos processos folkcomunicaçãois só é possível quando identificamos os diferentes estágios de modernização e pós-modernização que ocorrem nas comunidades e em suas manifestações.

Com a globalização e uma economia voltada para o mercado mundial que os meios de comunicação apresentam novos formatos direcionados a públicos específicos e com linguagens específicas. Passam a trabalhar com os modos culturais da cultura do consumo, da identidade/individualidade, da lamentação/reclamação, da cidadania; e por fim, firmam-se nos modos advindos da cultura da performance, da atitude, do espetáculo e da publicidade e propaganda. O resultado é o “curtismo”, o fato em 30 segundos, o apelo afetivo como linguagem da comunicação, e o zapping como comportamento de reação.

A grande mídia protagoniza os processos sociais de comunicação e estabelece novas relações com os grupos marginalizados.

Beltrão coloca que nossa preocupação ao estudarmos os grupos marginalizados e seus processos de comunicação, diferente da preocupação dos meios massivos que está voltada para o mundo, deve focar e aprofundar os processos que estão direcionados a um mundo. Esse mundo que faz a “vinculação estreita entre folclore e comunicação popular” formando um “tipo cismático de transmissão de notícias e expressão do pensamento e das vinculações coletivas”, e é aí que se localiza o campo de pesquisa da folkcomunicação pois *“folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”* (Beltrão, 2001, p.79)

3 Uma proposta metodológica

Para entender esse contexto e localizar as inter-relações e intra-relações procedentes, buscamos os caminhos metodológicos apontados por Nestor Garcia Canclini, no livro “Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade”. Ele mostra que hoje perdeu o sentido ser moderno uma vez que as teorias da pós-modernidade desqualificam os movimentos culturais de fins utópicos ou de progresso. Já não podemos olhar as manifestações tradicionais e modernas como opositoras radicais, muito menos fazer a divisão elite, popular e massivo. Essas divisões não são mais facilmente localizáveis. É preciso desconstruir essa visão e investigar se a hibridação ocorrida ainda pode ser lida com os mesmos instrumentos que costumava-se ler.

Segundo Canclini, precisamos de uma **ciência social nômade** e transdisciplinar para gerar outro modo de conceber a modernização latino-americana, com os propósitos de renovação dos diversos setores de acordo com a “heterogeneidade multitemporal” de cada nação. Essa concepção de fazer ciência para a investigação social dos “circuitos híbridos”, locais onde há muita diversidade de fatos e culturas (modos culturais): ervas medicinais e antibióticos, caricaturistas e videocassete, doces caseiros e McDonald’s, brinquedos de Taiwan e de artesanato regional, ciganas que lêem as mãos e internet. Não se pode pensar em construir uma leitura de objetos puros, como fizeram os tradicionalistas e os modernizadores. É preciso enxergar uma relação mais complexa entre o tradicional e o moderno/pós-moderno, e os intercâmbios com o simbólico, que leva

a uma situação pós-moderna e uma ruptura com o anterior. Nessa linha, Canclini propõe:

1. a realização de estudos empíricos;
2. verificar as discrepantes concepções de modernidade;
3. considerar que a economia e a política prevalecem sobre os objetivos da modernidade.

Na verdade, ao fazer um estudo sobre os processos folkcomunicaçãois se estará fazendo uma revisão dos vários conceitos pertinentes ao estudo da sociedade e da cultura, e ao campo da comunicação. E nesse aspecto é fundamental precisar os conceitos principalmente os mais comumente utilizados nesses estudos como: cultura, cultura popular, cultura de massa, cultura erudita, comunicação popular e de massa, folclore, são alguns. E buscar compreender os conceitos específicos desse tipo de estudo como: folkcomunicação, líder folk, folkmídia, centros de informação e meios de expressão, por exemplo. Outro aspecto fundamental é entender quais eram os objetivos da modernidade e os desdobramentos na América Latina, e no Brasil.

Em sua tese Beltrão classifica dois Brasis – um que está mais próximo da urbanidade e da atuação dos meios de comunicação de massa, outro que está à margem, com participação limitada nos processos democráticos da política, da cultura e das novas tecnologias de trabalho e de informação – e, enfatiza que “todos os acontecimentos marcantes na evolução nacional, diríamos melhor – todas as revoluções da nossa história, que tiveram êxito e traçaram novos rumos à vida política brasileira, tiveram participação efetiva dos dois brasis.” (2001, p.258)

Alguns estudos convencionais e evolucionistas consideraram as manifestações da cultura popular chamadas de folclóricas como manifestações residuais. Isso quer dizer que são originárias de culturas étnicas que viveram sob o domínio de outras culturas mais centrais e eruditas. Porém, se voltamos para refletir sobre a “cultura dos marginalizados”, não podemos considerar o folclore ligado a um centro ou a uma cultura popular, nem tampouco, podemos hierarquizar as culturas e localizá-lo como “mais ou menos” cultural. Ele oscila e vai sendo recriado no contexto social global. O universo da cultura está ligado ao cotidiano, onde se apresentam os aspectos da vida cotidiana, os aspectos físicos, simbólicos e imaginários. E, principalmente no que se refere à cultura popular, é difícil separar a esfera material da espiritual, o novo do velho, o sagrado do profano, o original da réplica. O cotidiano a cultura, incorpora, assimila e reapresenta. É o novo que nasce do velho, do útil, do aceitável, do vendável.

Então, os estudos realizados pelos folcloristas podem ser utilizados como fontes para localizá-los dentro do universo da cultura. Nessa linha, é necessário fazer um levantamento nos campos da antropologia e da sociologia, inicialmente. Isso, pelo fato de: primeiro, o folclore ser considerado objeto de estudo de ciências a fins e não como uma ciência para o estudo de manifestações consideradas fatos folclóricos; e segundo, esses limites entre o tradicional e o “moderno”, estagnando um em detrimento de uma identidade e impulsionando o outro em razão de um desenvolvimento necessário, devem ser vistos como pontes que ligam um ao outro, fazendo-as transitarem de lá para cá . Oscilam entre o que é e o que não é folclore e cultura popular, entre o que é e o que não é “moderno”, é o que Jerusa Pires Ferreira chama de cultura das bordas. Também não se pode entender o folclore como ciência, nem tão pouco falar em uma separação entre folclore e cultura popular, assim como não se pode localizar tão facilmente os limites entre o que se definiu como cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. Os modos culturais que se apresentam entrecruzam as várias culturas.

Os estudos de Folkcomunicação devem recorrer as referências das Ciências Sociais aplicadas para localizar e precisar os objetos de estudos que a folkcomunicação abrange. Não há um caminho pronto e conclusivo, mas reflexões norteadoras que estão contribuindo para a definição cada mais aprofundada da Teoria da Folkcomunicação. Esse texto que não é conclusivo, é um apanhado de outras reflexões que tenho feito nas diversas atividades acadêmicas que participo, mas propõe caminhos para demarcarmos o campo da folkcomunicação como uma metodologia participante e transdisciplinar.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e de expressão de idéias.** São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.** POA/RS: Edipucrs, 2001.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 19--.

_____. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1975.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. México: Grijalbo, 1989.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1989.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira. "Funções sociais do folclore". In Revista de Cultura Vozes, ano 63, nº 10, out. 1969.

_____. **Comunicação e cultura popular**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Escola de Comunicação e artes, 1972.